

Excursão na Teologia Natural (Parte 20): O Argumento Moral 3/5

Seção 04 / Aula 20

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 31/07/2024, 18:30:03 (horário de São Paulo)

Aula original: 2016-02-17

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 04](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

Retomada do dilema de Eutífron

Temos falado sobre o argumento moral para a existência de Deus. Na última vez, analisamos uma objeção à primeira premissa que é que se Deus não existe, então valores e deveres morais objetivos não existem. Essa objeção vem do diálogo Eutífron de Platão no qual Platão diz que se você diz que algo é bom apenas porque Deus o quer, então isso torna o bem e o mal arbitrários, o que parece errado. Mas se você diz que Deus quer algo porque realmente é bom, então o Bem é independente de Deus e, portanto, não precisa ser dependente dele para sua objetividade. Sugeri que isso é um falso dilema. O que os cristãos dizem é que Deus quer algo porque ele é bom. Ou seja, Deus é ele mesmo o padrão de bondade e valor. Essa natureza então é expressa para nós na forma de mandamentos divinos que constituem nossos deveres morais. Portanto, os valores morais estão enraizados na natureza de Deus; nossos deveres morais estão enraizados nos mandamentos de Deus.

Discussão sobre bondade e mandamentos

Agora, há alguma discussão final ou pergunta sobre esta solução para a objeção antes de prosseguirmos? Dennis.

Aluno: Seria correto dizer que Deus nunca delibera sobre o bem e o mal, mas simplesmente é o Bem e não há escolha envolvida? Dr. Craig: E eu acho que isso seria correto. Ele poderia deliberar sobre o certo e o errado. Robert Adams, que defende essa teoria do comando divino da moralidade, diria que nem todo comando moral é necessariamente verdadeiro. Deus poderia emitir certos comandos, como os que temos, por exemplo, nas leis do Antigo Testamento, que são provisórios e temporários. Então ele poderia deliberar sobre isso. Mas em termos de valor em si, isso não está enraizado na vontade de Deus, mas sim na natureza de Deus. É por isso que isso não é uma visão voluntarista como é frequentemente alegado contra ela. Algum outro comentário ou pergunta? Sim. Este rapaz aqui.

Aluno: Oi. Eu sou Jonathan. Tentei abordar isso na sua palestra na KSU, mas a pergunta não foi particularmente bem formulada. Mas, basicamente, a coisa com que eu luto no Dilema de Eutífron é por que exatamente dizer que algo é bom porque Deus o quer ou ordena . . . por que exatamente isso é errado além de ser arbitrário? Do jeito que eu entendo, se algo é arbitrário para Deus, então se Deus é um ser objetivo, então dizer que é arbitrário para Deus não parece ser um grande problema para mim. Também parece que isso fluiria naturalmente da ideia de que algo . . . Dr. Craig: Certo. Cody fez essa pergunta na semana passada. O que eu disse a ele

foi que me parece que uma visão voluntarista da teoria do comando divino sugeriria que nenhum valor e dever moral é necessariamente verdadeiro. Isso parece errado. Pareceria que certos deveres morais, como amar a Deus de todo o coração, toda a alma, toda a mente, toda a força, seriam necessariamente verdadeiros. Deus não poderia ter ordenado de outra forma.

E se for o caso, então esses deveres morais não estão simplesmente enraizados na vontade de Deus. Eles são mais profundos do que isso. Eles seriam expressões de sua própria natureza.

Aluno: Eu não estava aqui na semana passada, então espero que isso não tenha sido perguntado já. Mas é necessário então que Deus seja bom? Outra forma de pensar sobre isso: se Deus tivesse uma natureza diferente da que ele é, essa natureza então seria boa? Dr. Craig: É necessário que Deus seja bom nesta visão. É uma propriedade essencial de Deus, e Deus como o maior ser concebível deve ser um ser moralmente perfeito. Portanto, não há questão de isso ser contingente ou casual. Isso é necessário.

Aluno: Isso é sobre dever também. Então, Deus nos está mantendo ao seu próprio padrão de si mesmo se tivermos isso, o que significa epistemologicamente que devemos também ser capazes de conhecê-lo como ele é. Isso significa que seremos transformados na mesma imagem. Acho que tudo isso flui disso. Dr. Craig: Eu não falei sobre como conhecemos o conteúdo de nossos deveres morais. Como disse outro dia, estou aberto a qualquer teoria sobre como chegamos a conhecer nossos deveres morais. Mas certamente o que você disse sobre ser conformado à sua imagem, santificado em Cristo, seria tudo parte do trabalho do Espírito em nossas vidas à medida que avançamos para a glória.

Aluno: Como nós deixamos sua vontade ser nossa, então passamos a caminhar em seus passos. Se o vemos claramente e vemos alguém fora de você. Ele vindo na carne é ele vindo principalmente em nós, como crentes, deixando nos descansarmos com contentamento em sua vontade. Isso nos muda para ser a mesma imagem porque agora podemos realmente vê-lo porque vemos seus desejos, esperanças e bondade. Dr. Craig: Certo. Algum outro comentário?

Platonismo moral ateuista

Agora, a menção de Platão traz à mente outra possível resposta ateuista à premissa (1). Chamo isso de Platonismo Moral Ateísta. Platão pensava que o Bem simplesmente existe por si só como uma espécie de Ideia autoexistente. Se você acha isso difícil de entender, junte-se ao clube! Pensadores cristãos posteriores equipararam o Bem de Platão com a natureza moral de Deus; mas o próprio Platão pensava que o Bem simplesmente existia por si só. Então, alguns ateus poderiam dizer que valores morais como Justiça, Misericórdia, Amor, e assim por diante, simplesmente existem sem qualquer fundamento. Eles não estão fundamentados em Deus, simplesmente existem por si só. Podemos chamar essa visão de Platonismo Moral Ateísta. Ela sustenta que valores morais objetivos existem, mas não são fundamentados em Deus. Na verdade, eles não são fundamentados em nada. Eles simplesmente existem por si só.

Três críticas ao platonismo moral

O que podemos dizer sobre essa visão? Tenho três respostas. Primeiro, a visão parece ininteligível. O que significa dizer, por exemplo, que o valor moral Justiça simplesmente existe? É difícil entender isso. É fácil entender o que significa dizer que uma pessoa é justa, mas é desconcertante quando alguém diz que na ausência de qualquer pessoa, a Justiça simplesmente existe. Fica ainda mais desconcertante quando você reflete sobre o fato de que a própria Justiça não é justa, da mesma forma que a Lealdade não é leal, ou a Intemperança não é intemperante. Então, se não houvesse pessoas justas por aí, como a Justiça poderia existir? Parece que não haveria justiça – esse objeto abstrato não é justo. Não há pessoas justas. Então, a Justiça não pareceria existir, o que contradiz a visão de que a Justiça simplesmente existe por si só como uma ideia. Os valores morais parecem ser propriedades de pessoas, então é difícil entender como valores morais como a Justiça podem existir como uma abstração.

Em segundo lugar, essa visão não fornece base para deveres morais. Ela tenta dar uma base para valores morais, mas não tem nada a dizer em termos de uma explicação de nossos deveres morais. Vamos supor, para o bem do argumento, que valores morais como Justiça, Lealdade, Misericórdia, Tolerância, e assim por diante, simplesmente existem. Como isso resulta em alguma obrigação moral para mim? Por que eu teria um dever moral de ser, digamos, misericordioso? Quem ou o que impõe essa obrigação sobre mim? Note que nesta visão, vícios morais como Ganância, Ódio, Rapacidade, Egoísmo e Preguiça também existem como abstrações. Então, por que somos moralmente obrigados a alinhar nossas vidas com um conjunto dessas abstrações em vez de com algum outro conjunto dessas abstrações? O Platonismo Moral Ateísta, não tendo um legislador moral, não tem fundamento para a obrigação moral.

Finalmente, terceiro, é fantasticamente improvável que o processo evolutivo cego produza precisamente aquele tipo de criatura que corresponde ao reino abstratamente existente dos valores morais. Isso parece ser uma coincidência incrivelmente incrível quando você pensa sobre isso. Lembre-se de que este reino dos valores morais, como um reino abstrato, é totalmente independente do reino natural. É causalmente desconectado do reino natural. Então, como é que exatamente esse tipo de criatura deveria emergir do processo evolutivo cego que corresponde a esse reino moral existente independentemente? É quase como se o reino moral soubesse que estávamos chegando. Acho muito mais plausível pensar que tanto o reino natural quanto o reino moral estão sob a autoridade de um Deus que nos deu tanto as leis naturais quanto a lei moral do que pensar que esses dois reinos independentes de realidade simplesmente aconteceram por coincidência de se combinarem.

Por essas razões, acho que o Platonismo Moral Ateísta é uma teoria menos plausível dos valores e deveres éticos do que o teísmo.

Discussão: valores, animais e analogias

Alguma pergunta ou comentário sobre este ponto de vista?

Aluno: Existem filósofos ateus que defendem o Platonismo Moral Ateísta, e, em caso afirmativo, como eles geralmente respondem a essas críticas? Dr. Craig: Acho que existem. Eu meio que inventei essa visão por conta própria como uma possível resposta, mas acho que alguém como

Erik Wielenberg afirmaria algo próximo a isso. Mas eu não sei como eles responderiam a esses três pontos. Eu acho que, como eu disse, é uma visão ininteligível. Muitas pessoas apontaram que parece não ter uma base para a obrigação e a proibição moral (não tendo um legislador). O terceiro ponto é um ponto feito na literatura para o qual eu não vi uma boa resposta. Então, eu não posso dizer, Cody. Sim? Kevin.

Aluno: Parece-me que a visão de Platonismo Moral Ateísta sobre a moralidade seria quase como um universo de Star Wars, onde você tem um lado claro e um lado escuro, mas você realmente não tem uma obrigação moral de estar em um lado ou outro. Você simplesmente escolhe o lado que quer. Dr. Craig: Sim, bem, essa é uma analogia interessante. Esse lado claro e escuro não está enraizado ou baseado em algo mais profundo nesta visão.

Aluno: Existe a Força que tem tanto o lado claro quanto o escuro, mas não comanda ninguém a fazer uma coisa ou outra. Você simplesmente faz o que quiser no lado que quiser estar. Dr. Craig: Essa é uma espécie de analogia de ficção científica para essa visão. Certo, Eric.

Aluno: Acho que isso é meio que um pensamento bizarro, mas nesta ideia platônica onde o Bem é uma abstração, isso também se aplicaria a seres não sencientes? Os animais estariam, portanto, de alguma forma sob esse código moral também? Dr. Craig: Acho que aí você teria que se perguntar já que não tem uma base para os deveres morais, você teria que se perguntar até que ponto isso se aplicaria aos animais. Suspeito que aqueles que defendem isso diriam que porque os animais não são racionais, portanto, não são agentes morais. Então, eles não têm deveres morais. Quando um lobo come um cordeiro, ele prejudica o cordeiro, mas não faz nada de errado. Ele não viola os direitos morais do cordeiro nem faz nada de errado. Mas essas pessoas poderiam dizer que se você comesse o cordeiro, então você estaria fazendo algo moralmente errado ao cordeiro porque você é um agente racional. Pelo menos, essa é a melhor interpretação que consigo dar a isso. Acho que havia outra pergunta ali, não havia?

Aluno: Certo, isso não é realmente uma pergunta, e realmente odeio ser esse cara, mas em resposta à analogia de Star Wars, eu só, gostaria de apontar que a Força realmente favorece o lado claro porque o lado escuro tende a ter repercussões violentas para o usuário. Como Darth Plagueis – ele estava tão faminto por poder que eventualmente . . . Outro

Aluno: Eu gostaria de responder a isso... Dr. Craig: Vamos dar uma chance a Kevin de responder e depois vou sair deste debate porque não sou um aficionado por Star Wars.

Aluno: Agora, pelo que entendi [inaudível] de Star Wars, o que a Força realmente quer é equilíbrio. E equilíbrio não significa se livrar do lado escuro. Isso só significa que há uma quantidade igual em ambos os lados. Certo? Então, você pode ter um lado que está sendo realmente destrutivo. Kurt. Certo. Ele levantou a mão de novo. Podemos fazer isso mais tarde. Vamos debater mais tarde. Dr. Craig: Sim. Bom. Você sabe, é notável como isso soa como o Maniqueísmo, que era uma antiga heresia que Santo Agostinho encontrou, que era que o mundo está dividido em luz e escuridão e você tem que decidir de que lado você está. Certo. Alguma pergunta, no entanto, sobre platonismo moral ateísta, não Star Wars. Certo. Drew.

Aluno: Alguém seguiu a rota de Aristóteles com isso? Com Aristóteles, os universos não estão em algum paraíso.^[1] Eles estão por aí ou nesta mesa. Estou me perguntando se alguém seguiu por esse caminho dizendo que valores morais supervêm aos estados físicos de coisas e talvez

nossas obrigações estejam em nossas naturezas. Dr. Craig: Vou dizer algo sobre uma visão parecida com essa mais tarde. Mas eu alertaria você para um filósofo chamado Richard Taylor que é muito interessante sobre isso. Taylor argumentou muito fortemente que na ausência de Deus não há deveres morais objetivos. Na ausência de um legislador, não há certo e errado. Ele disse que somos como animais, e os animais não são agentes morais. Mas a resposta de Taylor foi adotar uma visão aristotélica da ética onde ele disse que a ética, ou virtudes, são como habilidades.

Assim como, digamos, um carpinteiro pode ser muito habilidoso em sua carpintaria ou um encanador muito habilidoso em seu encanamento, assim os humanos podem ser moralmente habilidosos e viver vidas que são virtuosas de maneiras altamente desenvolvidas e habilidosas. Não que isso seja certo de fazer ou errado de não fazer, mas é apenas um tipo de habilidade que você desenvolve – viver bem, por assim dizer. E eu tive um debate com Richard Taylor sobre esse assunto. Acredito que está no YouTube, e eu recomendo a você porque achei que foi um debate muito interessante onde apontei, por um lado, no ateísmo era difícil ver por que você chamaria isso de virtudes, afinal, e, por outro lado, eu argumentei que você poderia ter uma ética baseada em virtudes teístas onde Deus é a fonte de certas virtudes e que, portanto, é realmente bom e obrigatório desenvolver essas virtudes em sua vida. Então você está certo de que existe essa alternativa, e Taylor seria um representante dela. Certo. Algum outro comentário?

Aluno: Sempre pensei que Platão estava abordando os deuses menores que sua sociedade estava . . . e que ele estava pensando que isso é realmente como o Deus último. Mas eles não viam. Ele pode estar intimamente envolvido e em andamento . . . Dr. Craig: Esse é um comentário justo. O Dilema de Eutífron era sobre os deuses (plural) da Grécia. Os deuses ordenam o que é bom, ou o Bem é apenas o que os deuses ordenam? Para Platão, em certo sentido, o Bem é uma espécie de substituto de Deus. É o tipo de último metafísico do qual o mundo flui e é o padrão último de bondade e assim por diante. Mas acho justo dizer que não é um ser pessoal. Nesse sentido, isso é diferente do teísmo. Mas certamente os primeiros cristãos encontraram em Platão inspiração. Eles identificaram o Bem como Deus.

Humanismo e florescimento humano

Bem, deixe-me olhar então, uma última objeção, que chamo de Humanismo Teimoso. Então, o que o ateu deve fazer neste ponto? A maioria deles quer afirmar a realidade objetiva dos valores morais e deveres. Não é verdade que a maioria dos éticos ou filósofos sejam relativistas ou niilistas morais. Eles querem ter valores e deveres morais objetivos. Então, a maioria deles simplesmente abraça o Humanismo e para por aí. O que quer que contribua para a prosperidade humana é bom, e o que quer que a prejudique é ruim, e essa é a história. Essa seria a posição de alguém como Sam Harris, por exemplo, que é muito forte em valores e deveres morais objetivos e simplesmente os fundamenta na prosperidade humana. O que podemos dizer em resposta a isso? Eu argumentaria que simplesmente tomar a prosperidade humana como seu ponto final parece ser prematuro por causa da arbitrariedade e da improbabilidade de tal ponto final.

Dado o ateísmo, por que pensar que o que é propício à prosperidade humana é mais valioso do que o que é propício à prosperidade de formigas ou ratos ou chimpanzés? Por que pensar que

infligir dano a outro membro de nossa espécie é errado? Quando coloquei essa pergunta ao eticista de Dartmouth Walter Sinnott-Armstrong em nosso debate sobre a existência de Deus, ele respondeu: “Simplesmente é. Objetivamente. Você não concorda?” Claro, eu concordo que é errado prejudicar outro ser humano, mas aponte que essa não era a questão. A questão é: por que seria errado se o ateísmo fosse verdadeiro? Dada uma cosmovisão ateuísta, escolher a prosperidade humana como moralmente especial parece ser arbitrário.

Superveniência e fundamento moral

Além disso, também parece implausível. Ateus às vezes dirão que os valores morais simplesmente se anexam necessariamente a certos estados naturais de coisas. O termo técnico aqui é “supervêm”. Essas propriedades morais supervêm sobre estados naturais. Um exemplo de superveniência seria a propriedade de molhado supervêm ao hidrogênio e ao oxigênio quando combinados de certa forma. Nem o hidrogênio nem o oxigênio são molhados, mas se você combinar hidrogênio e oxigênio como H₂O, então a propriedade de molhado é uma propriedade que necessariamente se anexa a essa substância. Ela supervêm a esse estado de coisas. E assim, a alegação é que as propriedades morais de maneira semelhante supervêm sobre estados naturais de coisas. Então a propriedade de bondade naturalmente se anexa ao ato de uma mãe amamentando seu bebê. A propriedade de maldade necessariamente supervêm ao ato de um homem espancando sua esposa.

Os ateus dirão que uma vez que todas as propriedades naturais estão em seu lugar, então as propriedades morais simplesmente acompanham necessariamente. Agora, no ateísmo, isso me parece extraordinariamente implausível. Por que pensar que essas estranhas, propriedades não naturais como “bondade” e “maldade” existem, muito menos que elas supervêm necessariamente sobre vários estados naturais de coisas? Não consigo ver nenhuma razão para pensar que no ateísmo uma descrição completa das propriedades naturais envolvidas em alguma situação determinaria ou fixaria qualquer uma das propriedades morais dessa situação. Esses filósofos humanistas simplesmente adotaram uma abordagem de “lista de compras” para questões éticas. Porque eles defendem o Humanismo, simplesmente se servem das propriedades morais que precisam para concluir seu projeto. Eles simplesmente empurram seu carrinho de compras pelo corredor moral e escolhem as propriedades morais que querem que façam parte de sua visão.

Mas o que é necessário para tornar essa visão plausível é algum tipo de explicação sobre por que as propriedades morais supervêm necessariamente sobre certos estados naturais de coisas. Novamente, é inadequado para o Humanista afirmar que nós, de fato, vemos que os seres humanos têm valor moral intrínseco porque isso não está em disputa. Na verdade, essa é a segunda premissa do argumento moral! O que queremos do Humanista é alguma razão para pensar que os seres humanos seriam moralmente significativos se o ateísmo fosse verdadeiro. Como está, acho que o Humanismo deles é apenas uma fé moral teimosa. Agora alguém poderia persistir: “mas por que Deus é o padrão último de valor moral?” Em certo sentido, essa pergunta é apenas mal concebida. Qualquer pessoa tem o direito de apresentar sua teoria moral e explicar seus parâmetros. A pergunta apropriada será se essa teoria moral é plausível. Em particular, se seu último moral ou seu último explicativo é um ponto final não arbitrário e adequado.

Eu argumentei que no Humanismo esse ponto final é prematuro. É arbitrário e implausível. Em contraste com o Humanismo, acho que o teísmo [inaudível] tem um ponto final adequado. Pois Deus, por definição, é o maior ser concebível. Um ser que, por definição, é digno de adoração. Qualquer coisa que não tenha essa propriedade simplesmente não é Deus. Então, nada mais elevado poderia ser imaginado. Identificar o Bem com o próprio Deus, eu acho, fornece uma base para uma teoria moral plausível.

Discussão final e bênção

Alguma reação a essa crítica ao Humanismo Teimoso?

Aluno: Eu tenho uma pergunta. Quero saber se essa linha de pensamento faz sentido, porque parece que sem Deus, você não tem uma base para a moralidade. Porque começando com ou apenas partículas. Certo. Prótons, que, você sabe, se agregam em átomos e apenas ter uma grande coleção deles em um ser humano ou animal não cria do nada algo que não é físico porque até mesmo a umidade, certo, simplesmente descrevendo, [perdão por isso], então, quero dizer, simplesmente me parece que, sem Deus, isso está sendo puxado do nada e é mais especismo porque, como você disse, quero dizer, as baratas poderiam ser os evoluídos em 100 milhões de anos para dominar o planeta. Por que não podemos focar nelas agora? Dr. Craig: Sim, acho que no materialismo, você apontou um problema real. É difícil ver em uma visão materialista da realidade ou uma visão física por que os seres humanos seriam moralmente especiais. Porque eles são apenas arranjos complexos de partículas materiais. Não haveria livre-arbítrio, ao que parece.

É difícil ver por que haveria responsabilidade moral ou culpa. Então acho que no materialismo pelo menos, isso é um problema. Agora o ateu não precisa ser um materialista. Ele poderia tentar sustentar que existem mentes que não são apenas redutíveis a estados cerebrais e assim por diante, mas pelo menos acho que você começou a empurrá-lo e a encurralá-lo. Bem, com isso, estamos sem tempo. Então vamos inclinar nossas cabeças e encerrar esta lição. E agora, que o Deus do amor encha seus corações de amor, tanto por ele quanto um pelo outro. Enquanto seguimos nossas tarefas semanais. Por Jesus Cristo nosso Senhor. Amém.

Referências

Nota157: <http://www.reasonablefaith.org/is-the-basis-of-morality-natural-or-supernatural-the-craig-taylor-debate> (acesso original:15/02/2016).

Nota158: New York: Oxford University Press,2003.

Obras específicas não individualizadas na aula; não se inventaram edições nem páginas.

Notas editoriais da revisão

[1] [Provável, análise editorial] O contexto aristotélico sugere universais. Porém PT, EN local e PDF p.182 trazem universos/universes. Preservada a formulação comum às fontes; não se trata como correção demonstrada de tradução.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2016 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-exkursus-on-natural-theology/exkursus-on-natural-theology-part-20/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-teologia-natural-parte-20/>

William Lane Craig | Publicação original: Reasonable Faith

Tradução e edição em português: Fé Razoável